

REGRESSANDO A CASA

Imitando a criança que se conduz pelos passos dos benfeitores, cheguei à minha cidade, com a sensação indescritível do viajante que torna ao berço natal depois de longa ausência.

Sim, a paisagem não se modificara de maneira sensível. As velhas árvores do bairro, o mar, o mesmo céu, o mesmo perfume errante. Embriagado de alegria, não mais notei a expressão fisionômica da senhora Laura, que denunciava extrema preocupação, e despedi-me da pequena caravana, que seguiria adiante.

Clarencio abraçou-me e falou:

— Você tem uma semana ao seu dispor. Passarei aqui diariamente, para revê-lo, atento aos cuidados que devo consagrar aos problemas da reencarnação de nossa irmã. Se quiser ir a "Nosso Lar", aproveitará minha companhia. Passe bem, André!

Último adeus à generosa mãe de Lísias e me vi só, respirando o ar de outros tempos, a longos haustos.

Não me demorei a examinar pormenores. Atravessando celeremente algumas ruas, a caminho de casa. O coração me batia descompassado, à medida que me aproximava do grande portão de entrada. O vento, como outrora, sussurrava carícias no arvoredor do pequeno parque. Desabrochavam azaléias e rosas, saudando a luz primaveril. Frente ao pórtico, ostentava-se, garbosa, a palmeira que, com Zélia, havia plantado no primeiro aniversário de casamento.

Êbrio de felicidade, avancei para o interior. Tudo, porém, denotava diferenças enormes. Onde estariam os velhos móveis de jacarandá? E o grande retrato onde, com a esposa e os filhinhos, formávamos gracioso grupo? Alguma coisa me oprimia ansiosamente. Que teria acontecido? Comecei a cambalear de emoção. Dirigi-me à sala de jantar, onde vi a filhinha mais nova, transbordante em jovem casadoira. E, quase no mesmo instante, vi Zélia que saía do quarto, acompanhando um cavalheiro que me pareceu médico, à primeira vista.

Gritei minha alegria com toda a força dos pulmões, mas as palavras pareciam reboar pela casa sem atingir os ouvidos dos circunstantes. Compreendi a situação e calei-me, desapontado. Abracei-me à companheira, com o carinho da minha saudade imensa, mas Zélia parecia totalmente insensível ao meu gesto de amor. Muito atenta, perguntou ao cavalheiro alguma coisa que não pude compreender de pronto. O interlocutor, baixando a voz, respondeu, respeitoso:

— Só amanhã poderei diagnosticar seguramente, porque a pneumonia se apresenta muito complicada, em virtude da hipertensão. Todo o cuidado é pouco, o Dr. Ernesto reclama absoluto repouso.

Quem seria aquele Dr. Ernesto? Perdia-me num mar de indagações, quando ouvi minha esposa suplicar ansiosa:

— Mas, doutor, salve-o por caridade! Peço-lho! Oh! não suportaria uma segunda viuvez.

Zélia chorava e torcia as mãos, demonstrando imensa angústia.

Um corisco não me fulminaria com tamanha violência. Outro homem se apossara do meu lar. A esposa me esquecera. A casa não mais me pertencia. Valia a pena de ter esperado tanto para colher semelhantes desilusões? Corri ao meu quarto, verificando que outro mobiliário atendia na alcova espaçosa. No leito, estava um homem de idade madura, evidenciando melindroso estado de saúde. Ao lado dele, três figuras negras iam e vinham, mostrando-se interessadas em lhe agravar os padecimentos.

De pronto, tive ímpetos de odiar o intruso com todas as forças, mas já não era eu o mesmo homem de outros tempos. O Senhor me havia chamado aos ensinamentos do amor, da fraternidade e do perdão. Verifiquei que o doente estava cercado de entidades inferiores, devotadas ao mal; entretanto, não consegui auxiliá-lo imediatamente.

Assentei-me, decepcionado e acabrunhado, vendo Zélia entrar e sair do aposento, varias vezes, acariciando o enfermo com a ternura que me coubera noutros tempos, e, depois de algumas horas de amarga observação e meditação, voltei, cambaleante, á sala de jantar, onde encontrei as filhas conversando. Sucediám-se as surpresas. A mais velha casara-se e tinha ao côlo o filhinho. E meu filho? onde estaria ele?

Zélia instruiu convenientemente uma velha enfermeira e veio palestrar, mais calmamente, com as filhas.

— Vim vê-los, mamãe — exclamou a primogenita — não só para colher notícias do doutor Ernesto, como também porque, hoje, singulares saudades do papai atormentam-me o coração. Desde cedo, não sei porque penso tanto nele. É uma coisa que não sei bem definir... Não terminou. Lágrimas abundantes borbotavam-lhe dos olhos.

Zélia, com imensa surpresa para mim, dirigiu-se á filha autoritariamente:

— Ora essa! Era o que nos faltava!... Afritissima como estou, tolerar as suas perturbações. Que passadinho é esse, minha filha? Já proibi a vocês, terminantemente, qualquer alusão, nesta casa, a seu pai. Não sabe que isso desgosta o Ernesto? Já vendi tudo quanto nos recordava aqui o passado morto; modifiquei o aspecto das proprias paredes, e voté não me pode ajudar nisso?

A filha mais jovem interveio, acrescentando:

— Desde que a pobre mana começou a se interessar pelo maldito Espiritismo, vive com essas tolices na cachola. Onde já se viu um tal disparate? Essa história dos mortos voltarem é o cúmulo dos absurdos.

A outra, embora continuasse chorando, falou com dificuldade:

— Não estou traduzindo convicções religiosas. Então é crime sentir saudades de papai? Você também não amam, não tem sentimento? Se papai estivesse conosco, seu unico filho varão não andaria, mamãe, a praticar por aí tantas loucuras.

— Ora, ora — tornou Zélia nervosa e enfadada — cada qual tem a sorte que Deus lhe dá. Não se esqueça que André está morto. Não me venha com lamúrias e lágrimas pelo passado irremediável.

Aproximei-me da filha chorosa e estaquei-lhe o pranto, murmurando palavras de encorajamento e consolação, que ela não registou auditiva mas subjetivamente, sob a feição de pensamentos confortadores.

Afinal, via-me em face de singular conjuntura! Compreendia, agora, o motivo pelo qual meus verdadeiros amigos haviam procrastinado, tanto, o meu retorno ao lar terreno.

Angústias e decepções sucediam-se de tropel. Minha casa pareceu-me, então, um patrimônio que os ladrões e os vermes haviam transformado. Nem haveres, nem títulos, nem afetos! Sómente uma filha ali estava de sentinela ao meu velho e sincero amor.

Nem os longos anos de sofrimento, nos primeiros dias de além túmulo, me haviam proporcionado lágrimas tão amargas.

Chegou a noite e voltou o dia, encontrando-me na mesma situação de perplexidade, a ouvir conceitos e a surpreender atitudes que nunca poderia ter suspeitado.

A' tardinha, Clarcenico passou, oferecendo-me o cordial da sua palavra amiga e reta. Percebendo meu abatimento, disse solto:

— Compreendo suas mágoas e rejubilo-me pela ótima oportunidade deste testemunho. Não tenho detritizes novas. Qualquer conselho de minha parte, portanto, seria intempestivo. Apenas, meu caro, não posso esquecer que aquela recomendação de Jesus para que amemos a Deus sobre todas as coisas e ao proximo como a nos mesmos, opera sempre, quando seguida, verdadeiros milagres de felicidade e compreensão, em nossos caminhos.

Agradei sensibilizado e pedi que me não desamparasse com o necessario auxilio.

Clarencio sorriu e despediu-se.

Então, á face da realidade, absolutamente só no testemunho, comeci a ponderar o alcance da recommendação evangélica e refleti com mais serenidade. Afinal de contas, por que condenar o procedimento de Zélia? E se fôsse eu o viuvo na Terra? Teria, acaso, suportado a prolongada solidão? Não teria recorrido a mil pretextos para justificar novo consórcio? E o pobre enfermo? Como e por que odiá-lo? Não era tambem meu irmão na Casa de Nosso Pai? Não estaria o lar, talvez, em piores condições, se Zélia não lhe houvesse aceitado a aliança afetiva? Preciso era, pois, lutar contra o egoismo feroz. Jesus conduzira-me a outras fontes. Não podia proceder como homem da terra. Minha familia não era, apenas, uma esposa e três filhos na Terra. Era, sim, constituída de centenas de enfermos nas Câmaras de Retificação e estendia-se, agora, á comunidade universal. Assomado de novos pensamentos, senti que a linfa do verdadeiro amor começava a brotar das feridas benéficas que a realidade me abria no coração.

L

CIDADÃO DE NOSSO LAR

Na segunda noite, sentia-me cansadíssimo. Começava a compreender o valor do alimento espiritual, através do amor e do entendimento reciprocos. Em "Nosso Lar", atravessava dias vários de serviço ativo, sem alimentação comum, no treinamento de elevação a que muitos de nós se consagravam. Bastava-me a presença dos amigos queridos, as manifestações de afeto, a absorção de elementos puros através do ar e da agua; mas, ali não encontrava senão escuro campo de batalha, onde os entes amados se convertiam em verdugos. As meditações preciosas que a palavra de Clarencio me suggerira, davam-me certa calma ao coração. Compreendia, finalmente, as necessidades humanas. Não era proprietario de Zélia, mas seu irmão e amigo. Não era dono de meus filhos e sim companheiro de luta e realização.

Recordei que a senhora Laura, certa feita, me afirmara que toda a criatura, no testemunho, deve proceder como a abelha, azeitando-se das flores da vida, que são as almas nobres, no campo das lembranças, extraíndo de cada uma a substancia dos bons exemplos, para adquirir o mel da sabedoria.

Apiquei ao meu caso o proveitoso conselho e comeci recordando minha mãe. Não se sacrificara ela por meu pai, a ponto de adotar mulheres infelizes como filhas do coração? "Nosso Lar" estava repleto de exemplos edificantes. A Ministra Veneranda trabalhava séculos sucessivos pelo grupo espiritual que lhe estava mais particularmente ligado ao coração. Narcisa sacrificava-se nas